



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM *O DESEJO DE KIANDA*, DE PEPETELA

**Maria Cristina Batalha**

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro/CNPq**

**cbatalh@gmail.com**

Desde o primeiro romance, *Muana Puó*, de 1969, Pepetela vem cerzindo, ao longo de toda a sua ficção, as diferentes fases que o país atravessou, deixando transparecer o sentimento de que a construção da sociedade angolana é um processo longo e sinuoso e que ainda não está completado. Trata-se, portanto, de uma produção com um acentuado viés ensaístico, onde o autor reescreve criticamente a história de Angola. A pesquisadora da Universidade de Lisboa, Inocência Mata, em palestra proferida no Instituto de Letras da Uerj, em 13 de maio de 2011, sustenta que: “diferentemente do Brasil, onde *literatura colonial* é uma definição cronológica, em Angola, a *literatura colonial* ou a *pós-colonial* é uma designação estética e ideológica”. Ainda segundo ela, “a relação entre literatura e política marca a própria construção do sistema colonial angolano”. Ela chama a atenção também para o fato de que são os escritores que têm um olhar analítico sobre a política e a sociedade angolanas, porque os cronistas começam apenas a despontar nos jornais. Assim, era “a literatura que sempre cumpria esse papel crítico antes, utilizando-se de uma linguagem alegórica e simbólica para camuflar essa análise política, desde o século XIX”. (MATA, 2011)

Fazendo um “uso menor” da língua portuguesa e de uma tradição literária pertencente aos “maiores”, no sentido que Gilles Deleuze e Félix Guattari emprestam a esse termo quando estudam a obra de Franz Kafka, ou seja, apropriando-se de um instrumental “maior” para produzir uma ficção do ponto de vista do “menor”, necessariamente política e transgressora, a escrita de Pepetela mescla a história e o passado mítico de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Angola, material que se torna um veículo de afirmação cultural e de reivindicação política e ideológica. Com efeito, se examinarmos o conjunto da obra de Pepetela, veremos que ela mostra um caminho que corresponde à própria história de Angola, que ele vivenciou ativamente. Como membro do MPLA, atuou diretamente no processo de libertação de seu país, lutando como guerrilheiro na região do Mayombe, em Cabinda e, mais tarde, na Frente Leste. No ano de 1976, Pepetela foi vice-ministro da Educação no governo de Agostinho Neto, primeiro presidente do país independente. Foi, aliás, durante a guerra que o escritor adotou o pseudônimo com o qual passou a assinar sua obra, pois o nome de Pepetela é Artur Pestana e a palavra “pestana”, em língua de Angola, é “pepetela”.

Dono de uma escrita alegórica que interpela a fundo o imaginário social e cultural angolano, Pepetela utiliza-se de estratégias narrativas que combinam tradição e modernidade, conjugando vozes da ancestralidade e da oralidade com a tradição literária europeia. Consciente da necessidade de relativização do passado histórico e da importância atribuída aos mitos para a manutenção do presente, Pepetela exerce uma interrogação constante da história de seu país, buscando a construção de uma consciência nacional crítica que possa compreender o presente conflituoso e determinar rumos para o futuro.

Ao entrelaçar o discurso histórico ao mítico, Pepetela visa interpretar os múltiplos sentidos que se encontram ocultos pela história e que são retrabalhados alegoricamente por mitos de origens diversas, como o mito de Kianda, divindade angolana das águas, reguladora das marés e da pesca, e um dos gênios da natureza. Em *O desejo de Kianda* (1995), a matéria lendária, Kianda, espírito das águas, libera seu canto que fora soterrado pelo colonialismo com o intuito de restaurar a geografia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

primitiva do largo do Kinaxixi, local em que, segundo o imaginário de Luanda, nos anos 1930, teria existido uma entidade, a Kianda – espécie de sereia, que teria sido aprisionada em sua lagoa, no momento em que esta foi aterrada para dar lugar a um prédio de apartamentos, no processo de urbanização da cidade de Luanda. Vêm-se aí conjugados o passado ancestral e mítico de tradição angolana e a necessidade de modernização da capital do país, esta última, emblematicamente, obliterando aleatoriamente os vestígios da primeira.

A ação em *O Desejo de Kianda* se desenvolve no ano de 1994, ou seja, duas décadas após a libertação nacional. Surge o retrato de Angola, a partir da década de 90, época em que a guerra civil, interrompida há muito pouco tempo, é retomada após a abertura política e as eleições presidenciais de 1992, que desencadearam uma forte reação da UNITA, mergulhando a nação em uma nova guerra de guerrilha fratricida. O cenário da ação romanesca é a cidade de Luanda, metonímia do país e espaço onde se concretizaria um projeto de nação ancorada na utopia da liberdade, da paz e do progresso. Face às incoerências existentes no presente histórico de Angola, o mito é acionado ficcionalmente para acenar com a perspectiva de uma outra leitura do mundo possível e que, talvez, traga respostas para os caminhos do futuro.

A trama de *O desejo de Kianda* é sustentada por duas vertentes temáticas, enunciadas desde o primeiro capítulo, e atualizadas por duas metáforas: a de um casamento, que une dois indivíduos formados por duas ideologias incompatíveis, e outra de desmoronamento. O significado do paralelo entre as duas ações é evocado pelo próprio autor:

João Evangelista casou no dia em que caiu o primeiro prédio. No largo do Kinaxixi. Mais tarde procuraram encontrar uma relação de causa e efeito entre os dois notáveis acontecimentos. [...] A existir relação, parece claro ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

o casamento a causa e nunca o suicídio do prédio. O problema é que as coisas nunca são tão límpidas como gostaríamos. (PEPETELA, 1995, p. 7)

A metáfora do desmoronamento é relacionada à perda de valores que Angola vive e que são expressos por uma série de misteriosos desabamentos de prédios na região do Kinaxixi, centro de Luanda, próximo ao local do matrimônio, e lugar onde irá se residir o casal João Evangelista, filho de pastor protestante de uma missão no Huambo, e Carmina, ex-marxista, atea, irreverente, gozando de péssima reputação em sua família e entre os “mais velhos” do bairro, que lhe atribuíram o esdrúxulo apelido de Carmina Cara de Cu. Esta, com estreitas ligações com a JOTA, juventude do MPLA, partido vencedor das eleições, usa e abusa de sua situação política em benefício próprio. Os preparativos da festa de casamento revelam uma série de atos ilícitos, cometidos em proveito próprio, em abandono dos valores éticos e morais que deveriam sustentar as bases do movimento de libertação e que, assim como os prédios do Kinaxixi, desmoronaram-se em ruínas:

(...) foram feitas requisições às empresas estatais que controlavam a distribuição de pescado e marisco, às de frangos e carnes, à panificadoras, empresas de bebidas, etc. quantidades de produtos sem limites e a preços simbólicos. O local foi cedido gratuitamente. O conjunto musical era subvencionado pela organização, por isso tocava de borla. E a noiva ainda arranhou uma missão fictícia de serviço a Roma, paga evidentemente pelo Estado, para comprar o enxoval. (PEPETELA, 1995, p. 12-3)

Repensando criticamente um sem número de transgressões que tomou conta do país, os excessos de Carmina são emblemáticos da atitude de alguns dirigentes que haviam lutado pela independência de Angola e que, agora, após a libertação, agiam em função de interesses pessoais, aniquilando velhos sonhos de liberdade e igualdade social, como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

a retomada por Carmina do velho hábito colonial de mudar, “por preguiça”, o nome das muitas empregadas domésticas que possuía (p. 64).

A escalada vertiginosa de Carmina, ao abrir mão da posição de “última socialista” (p. 21), e ao optar por ser empresária, faz com que se torne proprietária de uma firma – “Ultramar Import-Export” -, cujo nome já denuncia o neoimperialismo econômico, mediante a combinação do significativo binômio em inglês com o indisfraçável resíduo colonialista presente na palavra “Ultramar”. Mas, como afirma a personagem, “negócio e política casam perfeitamente, uma atividade ajuda a outra” (p. 22). Com efeito, o tratamento irônico e parodístico imprimido ao texto, e corroborado pela voz de um narrador extradiegético, exibem as mazelas da nova classe dirigente, evidenciadas na associação entre Carmina Cara de Cu (CCC) e o Comitê Central do MPLA. Nas iniciais, percebe-se a metonímia: a militante do partido e o próprio partido acabam por identificarem-se, e, assim, “Carmina era sem dúvida uma filha de seu partido” (p. 73). Além disso, CCC é também a inversão carnavalizada de antigos paradigmas, como o Comando de Caça aos Comunistas, de tão nefasta atuação repressiva, mas que, aqui, aparece revisitado criticamente em função dos descaminhos dos novos donos do poder em Angola, que dão as costas ao projeto tanto tempo alentado de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Enquanto Carmina “adorava ser generosa, sobretudo se isso não lhe custasse nada” (p. 22), Evangelista permanece alheio às manobras da mulher, observando suas negociatas sem questionar a desonestidade de suas ações, dentre as quais a venda das mesmas armas que minaram o país em guerra. Alienado e inoperante, João Evangelista afasta-se completamente dos princípios que haviam norteado sua infância, tornando-se “falho de vontade, quase abúlico, comodista, sem gosto pela aventura ou mesmo novidade” (p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

23). Distrai-se com batalhas virtuais contra impérios e civilizações do passado, alento compensador que o permite esquecer e sublimar as incongruências da realidade angolana e a monotonia de sua própria vida de inatividade como funcionário do Estado. Guerreiro apenas virtual, não se dá conta de que seu prédio vem abaixo, levado pela fúria devastadora de Kianda, projetando-o para o vazio, para onde carrega consigo todo seu aparato cibernético. Estimamos que a queda do prédio remete ao uso excessivo e indiscriminado dos artefatos tecnológicos que caracterizam as novas gerações, apontando igualmente, em uma leitura subliminar, para as deturpações operadas pelos próprios agentes que deveriam ser os guardiões dos valores éticos e morais da pós-independência.

Carmina atua como personagem nefasto da revolução e da história, já que sua prática política e ética contribui para a desmistificação de antigas utopias de justiça e igualdade. Neste sentido, os membros da elite, ansiosos pelo “mais caro champanhe francês e o mais velho uísque” (p. 75), opõem-se aos que ficaram à margem dos benefícios trazidos pela modernização do país, e que bebem o “caporoto barato, destilado clandestinamente com pilhas que aceleram a fermentação” (p. 75). Entretanto, são eles, a exemplo dos desabrigados do Kinaxixi, que, liderados por Honório, na sua nudez coletiva, “reinventam a revolta para com ela restaurarem a crença no futuro” (p. 216). Como lembra Robson Dutra: “Não obstante o desencanto e o amargor distópico, *O desejo de Kianda* aponta para a urgência do processo de reformulação de novos rumos para Angola que corroboram a capacidade infinita de o pensamento utópico se revitalizar.” (DUTRA, 2009, p. 143)

Assim, corre, paralelamente à crônica do casal Carmina Cara de Cu e João Evangelista, uma outra história, protagonizada por aqueles que se viram afastados dos círculos do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

poder arrivista e que tentam resistir, pela solidariedade e o apego aos valores tradicionais que sustentam a tradição comunitária angolana, à lógica perversa que preside as novas relações políticas, sociais e culturais no país. É o caso de Mateus Evangelista, pai de João Evangelista, “o mais velho Mateus”, “duro e inflexível”, que critica o filho por ter perdido a crença e escolhido uma pagã como esposa (PEPETELA, 1995, p. 102). O modo pelo qual articulam-se a elite “predadora” e a grande maioria da população que lhe oferece uma resistência silenciosa e todavia constante, é emblematicamente representado pela reação de Kianda, que “mina” os pilares das novas construções e libera-se do jugo de uma modernidade excludente e opressora, em detrimento da consideração de modelos de valores alternativos à lógica mercantil capitalista.

No romance, a história do casamento e seu contraponto, a história dos desabamentos, se constrói simultaneamente a um outro relato, de fundo mítico, que aparece em itálico no texto e ocupa um espaço menor na página, que é o canto de Kianda, surgido das profundezas da antiga lagoa, em meio aos escombros dos edifícios destruídos. Esse canto aponta para o momento do reencontro da vida contemporânea, fragmentada e distante dos valores ancestrais, com um tempo primordial, constitutivo da memória cultural angolana. O canto mágico de Kianda remete à persistência do imaginário mítico africano, evocado pela sabedoria de Luandino Vieira e Arnaldo Santos, conhecidos poetas luandenses, transformados em personagens nesse romance. Em diálogo com João Evangelista, eles encarnam a resistência literária que vem em defesa da preservação da identidade cultural silenciada pela colonização e sujeita à crise dos novos tempos de incerteza:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Ouviu a estória um dia, ali mesmo numa esplanada do Kinaxixi, quando se sentou com o maior respeito à mesa onde se encontravam dois escritores, Luandino Vieira e Arnaldo Santos, grandes sabedores das coisas de Luanda. Como não podia deixar de ser, os Kotas falavam da sua meninice kinaxixense, embora Luandino fosse do Maculusso, que de fato era ali ao lado. E foi ele mesmo que contou, lembrás, Arnaldo, quando a mafumeira chorou sangue durante sete dias, não se sabe se de dor de ser cortada se de pesar por tirarem a lagoa à Kianda? (PEPETELA, 1995, p. 47)

Assim, a lembrança e o apego aos valores tradicionais que dão suporte à sociedade são evocados como contraponto à modernidade vivida artificialmente e que projeta de forma acrítica o país na engrenagem do modelo capitalista excludente, beneficiando apenas uma pequena parte da população. Por isso, como lembra Carmen Lucia Tindó Secco, o narrador, aqui, “assume a melancolia de quem narra de um lugar *dialeticamente dilacerado* ( expressão de Leandro Konder, em *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 27)”, ou seja daquele que “expressa um sentimento de mal-estar em relação ao *status quo*, mostrando-se inadaptado ao presente e nostálgico das crenças e dos valores absolutos do passado.” (SECCO, 2008, p. 110)

Ao investigar o presente a partir de um jogo especular com o passado mítico e histórico, Pepetela evoca o mito de Kianda como meio de resgate de um valor cultural que pode ainda trazer resposta aos impasses do presente. O texto nos mostra uma natureza africana que não é passiva, mas sim integrada ao cotidiano das pessoas e às suas crenças, revelando, não um controle da natureza, mas uma estreita relação com ela.

Com efeito, para o autor de *Totem e tabu*, o animismo presente na tradição cultural africana evidencia que existe entre os homens uma tendência geral para conceber todos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

os seres da natureza como semelhantes a eles próprios e a transferir essas qualidades também às coisas. Para Freud, as representações animísticas são o “produto psicológico necessário da consciência criadora dos mitos e o animismo primitivo deve ser considerado como a expressão espiritual do *estado natural da humanidade*, tanto quanto é este acessível à nossa observação.” (FREUD, 1958, p. 455) Neste sentido, como sugere Regina da Silveira:

A ideia de que o bom escritor é aquele que propõe maneiras de lidar com o conhecimento, acrescente-se agora maneiras de dinamizar com saber lidar com as grandes concepções do universo: a animista (mito), a religiosa e a científica. Ser capaz de demonstrar o quanto o animismo ainda subsiste na vida atual seja na forma de superstição, seja ainda vivo, como base da nossa linguagem é, portanto, viável para bons escritores de literatura. (SILVEIRA, 2011, p. 118)

Assim, Pepetela evoca o mito porque eles são os que conhecem os segredos do bem e do mal e guardam conhecimentos interditados ao homem. Eles comparecem na literatura com a função de tornar transparentes aspectos encobertos pela ideologia, pontos obscuros que cercam, inclusive, algumas divindades que estão nas raízes culturais do povo angolano, como parte integrante do patrimônio coletivo do país.

Sabemos que todo mito é elaborado na forma de uma estrutura narrativa, expondo aspectos relacionados com o mundo em que o homem está inserido. Conforme corrobora Eleazar M. Meletinski:

Não se deve esquecer que, na mitologia, a própria descrição do mito é possível somente em forma de narrativa da formação dos elementos desse mundo, e mesmo do mundo como um todo. Isso é explicado pelo fato de que a mentalidade mítica identifica o começo (a origem) e a essência, por isso mesmo dinamizando e narrativizando o modelo estático do mundo. Sendo assim, o *pathos* do mito começa bastante cedo a reduzir-se à cosmicização do caos primordial, à luta e à vitória do cosmo sobre o caos (isto é, a formação do mundo redundante, ao mesmo tempo, em seu ordenamento). (MELETINSKI, 1998, p. 38-9)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

E, como adverte também Roland Barthes, “o mito não cega as coisas, sua função é, ao contrário, falar delas; simplesmente purifica-as, inocenta-as, funda-se em sua natureza e ternidade, dá-lhes uma clareza que não advém da explicação, mas da constatação” (BARTHES, 1999, p. 230).

Em seu lamento,

[Kianda] se queixava de ter vivido durante séculos em perfeita felicidade na sua lagoa, até que os homens resolveram aterrar a lagoa e puseram cimento e terra e alcatrão por cima, construíram o largo e os edifícios todos à volta. Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos, um a um, devagarinho, era esse o desejo de Kianda. (p. 109)

E, como interpreta Robson Dutra com muita propriedade:

Como princípio feminino e fecundante, a água que a divindade retira dos prédios – razão por que estes vêm ao chão – atua como outra metonímia do distanciamento das ‘coisas da terra’, postas de lado em nome dos novos tempos que, analogicamente, ressecam e corroem muitos valores culturais e morais de Angola. (DUTRA, 2011, p. 110)

De fato, na África ancestral, cabia aos velhos veicular palavras proféticas às gerações mais novas e a prática de alguns ritos apoiava-se em uma relação com tradições espirituais ancestrais, que uniam o mundo visível e invisível, e na qual a criança e o idoso situavam-se como pontos limítrofes entre si. Por isso, o velho cego Kalumbo é único a dialogar com Cassandra que, por ser criança, não tem ainda o olhar contaminado pelos vícios do presente social: “Kianda se sentia abafar, com todo aquele peso em cima, não conseguia nadar, e finalmente se revoltou. E cantou, cantou, até que os prédios caíssem todos (...). E foi isso que Cassandra contou a mais velho Kalumbo.” (PEPETELA, 1995, p. 109)

Conforme aponta Maria Thereza Abelha Alves:

O velho está aberto à tradição porque a recita, a criança porque ainda não perdeu a magia, os artistas porque encontram nela a tinta com que escrevem o mundo. São estes marginais ao sistema que estão capacitados a buscar no passado as centelhas de esperança e os índices de transformação que ficaram soterrados. (ALVES, 2009, p.189)

Cassandra, cujo nome oriundo da mitologia grega também remete à ideia de profecia, é a única que decifra o vaticínio de Kianda. É ela que, ao final, mergulha fundo, para sempre, na lagoa de Kinaxixi, indo ao encontro da deusa angolana das águas. A música



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de Kianda tinha-se feito ouvir pela Cassandra africana que, como na antiga Grécia, também previra transformações em seu país: “Cântico cada vez mais forte e imperceptivelmente cada vez menos dolorido, se transformando aos poucos em canto de combate” (p. 83) Com efeito, destruindo tudo em seu caminho, a água avança com fúria em direção ao mar, deixando um rastro de desolação atrás de si. O som das notas que emanam desse canto também se fizeram ouvir por Kalumbo, o mais velho da cidade, proporcionando a retomada dos antigos vínculos entre os mundos visíveis e invisíveis, ocultados pela vida moderna. Assim, é o ancião que ensina a menina a escutar a mensagem da divindade. Conduzida por Kianda às profundezas de sua lagoa, é Cassandra que, desaparecendo para sempre nas águas, receberá a orientação de como recuperar as crenças esquecidas, capazes de compreender os desmandos do presente e engendrar possibilidades de futuro. Pois, como lembra Meletinski, a morte/ressurreição é o “símbolo direto da iniciação” (Meletinski, 1998, p. 58).

No final do romance, que tem a estrutura de uma obra aberta, ficamos com a imagem de Kianda, livre, fugindo para o alto-mar, como uma aposta de futuro. Esse é o canto de liberdade, entendido pelas crianças, pelos velhos, pelos deserdados e excluídos das benesses da modernidade, pelos poetas e por nós, seus leitores.

Assim como o mistério da Yaka não seria jamais decifrado em sua totalidade por Alexandre, também, guardado entre a “doçura da boca” e a “tristeza dos olhos” da máscara *tchokué* Muana Puó, persistirá o enigma que torna possível uma leitura dialética da História, trazendo subsídios para pensar o futuro da nação. Como lembra Maria Thereza Alves, “Pepetela rouba às antigas lendas os conteúdos de sonho que lá ficaram soterrados e com eles ilumina sua hipótese de futuro.” (ALVES, 2009, p.190) Assim, através da escrita alegórica, o autor acena para outros modos de refletir sobre seu país, na tentativa – utópica? – de encontrar um caminho próprio, alternativo, que conjugue, em uma nova química, a modernidade necessária e a persistência da tradição.

## **Bibliografia**

ALVES, Maria Thereza Abelha. *O desejo de Kianda: crônica e fabulação*. In CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009 pp. 179-190.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

DUTRA, Robson. *Pepetela e a elipse do herói*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

\_\_\_\_\_. Algumas figurações de advinhos e feiticeiras na obra de Pepetela e Mia Couto. *Insólito, mitos, lendas crenças*, vol. 1. *Dialogarts*, 2011, pp. 104-114.

FREUD, “Totem e tabu”, in *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. 7, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.

MATA, Inocência. “Literatura e Política em Angola hoje”, palestra proferida no Instituto de Letras da Uerj, em 13 de maio de 2011.

MELETINSKI, Eleazar Mosséievitch. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Atelier Editorial, 1998.

PEPETELA. *O desejo de Kianda*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SILVEIRA, Regina da Costa da. O insólito na literatura angolana, The uncommon in the angolan literature. *Insólito, mitos, lendas crenças*, vol. 1. *Dialogarts*, 2011, pp. 113-121.